

GEOGRAFIA DE GÊNERO: EDUCAÇÃO PARA MULHERES NOS MUNICÍPIOS DE CÁCERES E TERRA NOVA DO NORTE-MT

Jussara Cebalho¹

Ana Claudia Taube Matiello²

Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é relatar as experiências docentes da educação oferecida às mulheres dos municípios de Cáceres e Terra Nova do Norte, situados no estado de Mato Grosso. A educação de Jovens e Adultos (EJA) é ministrada na Escola Estadual de Desenvolvimento Integral de Educação Básica "Prof. Milton Marques Curvo", bem como o não acesso à educação da Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Portal da Amazônia (AMAFPA). A metodologia utilizada é o levantamento bibliográfico e a observação participante, etapas fundamentais no trabalho empírico. Dessa forma, é perceptível a necessidade de melhores condições de acesso ao sistema educacional para as mulheres, tanto do meio urbano quanto rural.

Palavras-chave: Geografia Feminista, Mulheres, Experiências, Patriarcado.

ABSTRACT

The objective of this work is to report the teaching experiences of the education offered to women in the municipalities of Cáceres and Terra Nova do Norte, located in the state of Mato Grosso. Youth and Adult education (EJA) is taught at the State School for Integral Development of Basic Education "Prof. Milton Marques Curvo", as well as the lack of access to education at the Association of Women in Family Farming of Portal da Amazônia (AMAFPA). The methodology used is bibliographical research and participant observation, fundamental steps in empirical work. Thus, the need for better conditions of access to the educational system for women, both in urban and rural areas, is noticeable.

Keywords: Feminist Geography, Women, Experiences, Patriarchy.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, tem por objetivo relatar a experiência da prática docente, com as mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA), através da disciplina de Geografia, essa ministrada na Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica "Prof. Milton

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, jussaracebalho@hotmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, ana2015matiello@gmail.com;

³ Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense e Docente da Pós Graduação em Geografia e do Mestrado Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, leal@unemat.br.

Marques Curvo”, localizada na zona urbana do Município de Cáceres, no Estado de Mato Grosso, bem como fazer uma correlação com a falta de educação oferecida a AMAFPA (Associação de Mulheres da Agricultura Familiar do Portal da Amazônia), presente no Município de Terra Nova do Norte, também no Estado de Mato Grosso, pois as duas experiências retratam o descaso do acesso tardio dessas mulheres ao sistema educacional, devido as imposições patriarcais.

Essa pesquisa justifica-se, pelo fato de a educação para as mulheres, principalmente para aquelas que tiveram o acesso negado, impossibilitado ou nem existente, tornar-se um fator alarmante em nossa sociedade e estudos que trazem luz a esses descasos, com relatos de experiências. Como resultado busca-se compreender como essas realidades estão interligadas de alguma forma, demonstrando que não se trata apenas de locais isolados e sim espalhados, referente a dominação feminina em frente a educação.

Safiotti (2004) nos fala que o patriarcado, é a dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino sob a liberdade feminina, impondo suas vontades. Assim, com os dois relatos que seguem neste trabalho, observa-se que a maioria das mulheres que voltam à escola tardiamente ou que não estão inseridas em escolas, como o caso das mulheres da associação AMAFPA, é devido aos companheiros e filhos, esses necessitando de sua total atenção, desprendendo-as de seus direitos e deveres, consigo mesma.

A LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 9394/1996) trata da Educação de Jovens e Adultos o (EJA), eis a redação do artigo: “Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.” Partindo do direito que garante a Lei, a maioria das mulheres que chegam ao EJA como na escola Prof. Milton Marques Curvo, são de idade mais avançada, e essas logo se abrem ao diálogo relatando que não puderam finalizar os estudos, devido ao casamento, gravidez, entre outros fatores que as impediram de estar em sala de aula.

Já com as mulheres da associação AMAFPA é a mesma situação, muitas não finalizaram o ensino fundamental, e quando tratamos de mulheres e essas inseridas na área rural, como é o caso da associação, a questão se torna mais crítica. Segundo Leite (1996) de certa forma, a educação rural sempre foi relegada por motivos socioculturais com planos inferiores, baseado num elitismo existente no processo educacional brasileiro pelos jesuítas e a oligarquia agrária, que sempre considerou a população do campo como inferior sem necessidades de estudos e somente os da cidade como detentores da educação.

Além disso, o que assola essas mulheres é o patriarcalismo, prendendo-as, principalmente por parte do companheiro, que não as deixam estudar e quando voltam,

encontram dificuldades, o que será apresentado durante este trabalho, sendo esse baseado em observações participantes.

METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados para a elaboração desse trabalho foram o levantamento bibliográfico e o trabalho empírico. A primeira etapa, foi a revisão de obras pertinentes à temática, e para a pesquisa empírica a observação participante, no qual Souza (2013), considera parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa, o pesquisador participa de todas as atividades dos grupos de estudo, sendo ele parte vivente do processo a ser estudado. Com a observação participante espera-se chegar a um resultado sobre as questões educacionais que assolam essas mulheres na educação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Muitas estudiosas falam sobre o que significa o patriarcado, contudo as que mais se desatacam neste estudo são: Safiotti (1934-2010), Patemam (1940) e Beauvoir (1908-1986), são autoras que escreveram para os movimentos feministas, trouxeram luz aos questionamentos de gênero, divisão sexual do trabalho, violência e patriarcado, estavam à frente da sua época e pensamentos. Entender o contexto histórico feminino e compreender um passado esquecido pela sociedade.

O patriarcado é histórico, levou cerca 2.500 anos para estar completo, persistindo atualmente, nos valores, costumes, leis e papéis sociais. Segundo Patemam (1993) o patriarcado é um contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres. A diferença sexual é convertida na esfera política, passando a se converter ou em liberdade, ou em sujeição. Sendo o patriarcado uma expressão do poder político.

O contrato original, e um pacto sexual-social entre o homem e a mulher, um exemplo disso é o casamento, porém, muitos teóricos acreditam que há 300 anos o patriarcalismo foi extinto, contudo, feministas afirmam o contrário, fazendo campanhas ativistas e mobilização nas esferas políticas. Entretanto, nenhuma dessas campanhas foi suficiente para persuadir a todos, a não ser uma minoria de ativistas do sexo masculino afirmando que o direito patriarcal ainda existe, necessitando de estudos e mobilizações políticas eficientes. (PATEMAM, 1993)

Safiotti (2004) trata que o patriarcado, e a dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino sob a liberdade feminina. Ainda que o patriarcado tenha se modificado ao

longo dos séculos, existem homens matando suas parcerias com crueldade, ateando-lhes fogo, esfaqueando-as, esquartejando-as, entre outras formas possíveis de violência em razão da dominação masculina. Para isso, os (as) teóricos (as) feministas precisam se libertar das ideais patriarcais. Sobre isso Safiotti (2004, p.56) ainda assevera que:

[...] Efetivamente, quanto mais avançar a teoria feminista, maiores serão as probabilidades de que suas formuladoras se libertem das categorias patriarcais de pensamento. Ou melhor, quanto mais as(os) feministas se distanciarem do esquema patriarcal de pensamento, melhores serão suas teorias. Colocar o nome da dominação masculina – patriarcado – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna natural essa dominação-exploração [...].

Enquanto estudos feministas forem se distanciando das categorias patriarcais, poderá ser renomeado de patriarcado o regime atual entre homem-mulher, igualmente abandonarão o alcance do poder paterno e direito patriarcal e o entenderão como direito sexual. Isso significa que o pai deixará de ser o único no poder familiar, pois o pai tem o direito antes do marido. Porém, a figura forte é a do marido, pois é através dele que o contrato sexual e o direito surgem.

O patriarcado é histórico, sempre demonstrou que os homens detêm todo o poder concreto, e a mulher lhe resta a sujeição e a exploração. Beauvoir (1970) comenta que desde os primórdios do patriarcado, perceberam como vantajoso manter a mulher em uma condição de dependência; os sistemas normativos foram estruturados de forma a limitar sua liberdade; dessa maneira, ela acabou concretamente assumindo o papel do "outro".

Dessa forma, a mulher nunca teve um papel de protagonista na história, sempre esteve ocultada e dependente de um homem, e atualmente ainda é notória essa falta de protagonismo feminino na sociedade, principalmente as da área rural, além de existir uma visão do masculino dominando todo o poder. Essas mulheres desempenham desde muito jovens as atividades do meio rural, como, ajudar nos trabalhos domésticos dentro de casa, campinar a horta, e exclusivamente, são essas mulheres as responsáveis pela transmissão às futuras gerações, sempre associada à figura feminina as atribuições do trabalho doméstico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vale ressaltar a necessidade de retratar o descaso com as mulheres no sistema educacional, temos o pressuposto de apresentar dois relatos. Um, de mulheres já inseridas na escola e outro de mulheres sem nenhum tipo de acesso à escola, contudo que estão correlacionados, devido ao que leva ao acesso tardio e suas dificuldades de não acesso. Portanto, observa-se que a mulher é tratada como objeto, como Beauvoir (1970) comenta a

mulher e o outro, uma extensão do que é o homem, vivendo sob sua sombra, mantendo em estado de dependência total, através do patriarcalismo.

Nas observações participantes, em sua maioria, é visível que essas mulheres estiveram fora de sala de aula, devido aos casamentos e filhos, como é o caso da Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica “Prof. Milton Marques Curvo”, em diálogos promovidos durante as aulas de Geografia, pôde-se observar que a maioria das alunas não podiam estudar pelo fato do companheiro ser abusivo, não permitindo as mesmas de ir à escola, gravidez, cuidados com a casa, muitas voltaram a estudar após o divórcio, sofrendo muito preconceito até mesmo por parte da família e de outras mulheres que as consideravam velhas demais para estar na escola.

Os diálogos sobre gênero são muito importantes em sala de aula e a área de Ciências Humanas têm uma grande contribuição, Silva (2009) nos diz que uma contribuição sensível da geografia feminista à geografia cultural contemporânea foi feita por meio da inclusão de gênero, identidade e representação na esfera social.

E com o olhar da Geografia Feminista, pudemos constatar que há similaridades entre as alunas da EJA e as mulheres da associação AMAFPA, onde observa-se uma falta de acessibilidade ao sistema educacional, a maioria relata o mesmo que as da EJA, que não puderam estudar devido /ao companheiro abusivo, filhos, entre outros fatores que se assemelham, contudo, a maior problemática é que não possuem e nem podem estudar, por estarem na área rural e não ter o acesso a essa escola, as tornando invisíveis à sociedade.

Visto que as alunas da EJA, contam com muito entusiasmo o quão maravilhoso é poder estar em uma escola e o quanto isso contribui para o seu crescimento e desenvolvimento, principalmente sua visibilidade social. Então, com duas realidades espaciais distintas, contudo, com experiências de vida parecidas, é que chegamos à conclusão que ainda falta um passo muito grande para que a acessibilidade e a visibilidade feminina, sejam um fator primordial para o sistema educacional de qualidade, na EJA buscando melhorias na educação e o mesmo ser aplicado a todos, independentemente da localidade ou gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, obtemos um trabalho que visa o questionamento sobre o que é o patriarcalismo e como afeta a vida das mulheres, visto que a educação é uma das fases mais importantes, negando-se esses ambientes, retornando após um longo período e outras sem

nenhum acesso ao mesmo, relatos que trazem indagação, como as políticas públicas observam essas realidades e como podem ser solucionadas.

Certamente, o debate em torno do patriarcado e seu impacto na vida das mulheres é fundamental para entender e abordar as desigualdades de gênero presentes em diversos aspectos da sociedade. Ao focar na educação, estamos explorando um componente muito importante, pois a formação educacional é a base para o desenvolvimento pessoal e profissional.

Primeiramente, é essencial reconhecer que o patriarcado muitas vezes se manifesta de maneira sutil e enraizada em estruturas sociais e culturais. Meninas podem ser direcionadas para áreas consideradas tradicionalmente femininas, enquanto os meninos são incentivados a buscar profissões tidas como masculinas. Isso contribui para a segregação de gênero no ambiente educacional.

Além disso, o acesso desigual à educação é uma questão crítica. Mulheres que são negadas o acesso à educação ou são forçadas a abandoná-la enfrentam barreiras significativas para sua emancipação econômica e social. Este fenômeno é ainda mais acentuado em comunidades marginalizadas e economicamente desfavorecidas. Portanto, políticas públicas devem direcionar esforços para garantir que a educação seja acessível a todas as mulheres, independentemente de sua origem social ou econômica.

No entanto, não basta apenas garantir o acesso à educação; é necessário também criar ambientes educacionais que sejam inclusivos e livres de discriminação de gênero. Isso implica em rever currículos, materiais didáticos e práticas pedagógicas para eliminar estereótipos prejudiciais e promover a igualdade de oportunidades.

Quando se trata de mulheres que retornam à educação após um longo período, enfrentam desafios únicos, como a falta de suporte e estigmatização. Políticas públicas precisam abordar essas barreiras específicas, oferecendo programas de reintegração e apoio emocional.

A reflexão sobre como as políticas públicas abordam essas questões é de extrema importância. Devemos avaliar se há medidas eficazes para combater o patriarcado dentro do sistema educacional e se existem políticas que visam especificamente a inclusão e o apoio às mulheres em todas as fases de suas trajetórias educacionais.

Em última análise, o questionamento sobre o patriarcado na educação é um convite para repensar e reformar nossas estruturas sociais e educacionais. Ao fazer isso, podemos criar um ambiente mais igualitário, capacitando mulheres a atingir seu pleno potencial e contribuir de maneira significativa para a sociedade.



REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

LDB. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. 9394/1996. Brasília: MEC, 1996.

LEITE, Sérgio Celani. **Urbanização do processo escolar rural**. 1996. 248 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.1996.22>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151p.

SILVA, Joseli Maria (organizadora). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

SOUZA, A. F. G. MARAFON, G.J. RAMIRES, J.C.L. RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. Sobre os autores. In: **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

PATEMAM, Carole. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Guerra, 1993.